

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

# DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

  
ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

# Dicionário das Crises e das Alternativas



## **DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS**

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n<sup>os</sup> 76, 78 e 79  
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

## Indústria

As transformações da indústria, relacionadas com a difusão das tecnologias da informação e comunicação, evidenciam que a dinâmica deste setor tem uma natureza sistémica que se expressa na afirmação de novos domínios de atividades, de novas lógicas produtivas, de novas competências, de novos modelos de inovação e de novas conceções de regulação.

A utilização de circuitos integrados, de fibras óticas e de tecnologias digitais aumenta a capacidade para transportar informação, favorece o desenvolvimento das indústrias da eletrónica, dos computadores e das telecomunicações e permite compatibilizar automatização e flexibilidade de processos de fabrico, mesmo em indústrias tradicionais. A difusão das novas tecnologias é também acompanhada pela convergência entre as lógicas de funcionamento dos serviços e da indústria: para além de serem mais frequentes os processos de “industrialização de serviços”, com o fabrico de bens industriais que substituem serviços, ganham expressão práticas de “terciarização de indústrias”, baseadas na compressão do tempo entre produção e consumo, como o sistema “*just-in-time*”. Envolvendo contactos mais frequentes entre produtor e utilizador, a terciarização que acompanha a difusão das novas tecnologias intensifica interatividades das diversas indústrias e da indústria com os outros setores, acentuando-se a natureza difusa das fronteiras, e dos próprios conceitos, desses setores.

Em estruturas produtivas muito dependentes de atividades tradicionais, em crise e com fenómenos de desindustrialização, como na economia portuguesa, o desenvolvimento industrial depende, de forma muito significativa, da aplicação de políticas que estimulem três vetores: a criação dos novos domínios industriais referidos, a consolidação de complementaridades produtivas de modo a que esses domínios contribuam para valorizar a indústria e os outros setores da economia, o desenvolvimento das competências adequadas às novas lógicas produtivas e a aprendizagens coletivas de conhecimentos complexos.

João Tolda

## Indústrias culturais

As indústrias culturais utilizam o conhecimento, a criatividade e a propriedade intelectual para produzir produtos e serviços com significado social e cultural. As indústrias culturais têm taxas de autoemprego mais elevadas

do que outros setores e empresas muito pequenas dominam normalmente as cadeias de produtos criativos. Estes criadores e produtores são flexíveis, inovadores e ligados em rede, mas também frágeis e vulneráveis.

Muito embora as indústrias culturais ou criativas sejam frequentemente tratadas como um setor coerente, cada subsetor caracteriza-se por atividades bastante distintas, com diferentes processos e sistemas de valores, em relação à arte e ao comércio. A designação “atividades culturais e criativas” é frequentemente usada para afastar as conotações associadas a “indústrias” e refletir de forma mais exata a natureza e a diversidade do trabalho artístico e cultural. O crescimento da economia criativa evidenciou o potencial económico de produtos culturais e posicionou as indústrias culturais e criativas como fontes de experimentação e inovação para a economia em geral. O Programa Europa Criativa, da União Europeia, é o enquadramento macro disponível atualmente. São diversas e altamente contextualizadas as estratégias localizadas para promover indústrias culturais, com numerosas iniciativas empenhadas em fomentar atividades culturais catalisadoras da transição e do desenvolvimento económicos.

No atual clima de austeridade, o Governo está a centrar a sua atenção na exportação de produtos de indústrias culturais/criativas portuguesas – especialmente em áreas não linguísticas, como o *design* de mobiliário e de moda – como um setor de potencial crescimento económico e desenvolvimento. Esta estratégia faz-se eco de iniciativas de economia criativa visíveis em outros países europeus. No entanto, à medida que a política governamental se centra nas indústrias culturais/criativas “exportáveis”, corre-se o risco de atividades culturais menos comerciais perderem incentivos e serem ameaçadas. Esta questão é particularmente grave num momento em que as políticas e os programas culturais fundamentais são associados a algumas incertezas. Uma ambiguidade que pode comprometer os objetivos de desenvolvimento económico com o tempo. É seriamente inquietante que a maioria das artes e das atividades culturais possa ser vista apenas a partir da ótica do “desenvolvimento e progresso económico”.

*Nancy Duxbury*

## **Inovação**

O conceito de inovação tem vindo a ganhar proeminência no discurso público em anos recentes, em resultado do reconhecimento da sua importância central para o processo de crescimento económico. Neste contexto,